

Uma Página em Branco

A Blank Page

ARMANDO AUGUSTO DIAS CASTRO BENTO*

Artigo completo submetido a 31 de Maio e aprovado a 9 de junho 2014

*Portugal. Licenciatura em Arquitetura, Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura (FAUP);
Mestrado em Arquitetura, Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura (FAUP).

AFILIAÇÃO: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. E-mail: armandobento@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende falar sobre um trabalho desenvolvido em contexto de sala de aula, numa turma de nono ano, cujas principais preocupações se centravam em pensar uma imagem, mobilizar os interesses/saberes dos alunos e consolidar conteúdos abordados até então. Pelos exemplos de trabalhos produzidos, demonstrarei a concretização desses propósitos e como ajudou na mudança de atitude perante a disciplina.

Palavras chave: motivação / liberdade / criação / pensamento / visão.

Abstract: *This paper intends to talk about the work developed in the context of the classroom with a class of ninth grade whose primary concerns focused on thinking an image, mobilize interests / knowledge of students and consolidate content covered so far. By examples of work produced will demonstrate the achievement of those purposes and as helped in changing attitude towards discipline.*

Keywords: *motivation / freedom / creation / thinking / vision.*

Introdução

Neste artigo pretendo demonstrar a importância que a articulação dos saberes e interesses individuais dos alunos, com os conteúdos abordados na sala de aula, podem ter na resolução de problemas de desmotivação e na mobilização dos conhecimentos curriculares. O trabalho que está na gênese deste artigo foi a forma que encontrei para aproximar e questionar os alunos sobre os conteúdos lecionados em sala de aula, procurando desenvolver neles o gosto pela fotografia, assim como ajudar na tomada de consciência de que fotografar também pode/deve ser um exercício do pensamento e não um ato meramente mecânico e imediato.

No desenvolvimento apresentarei detalhadamente a forma como o trabalho foi pensado, quais os seus objetivos, a sua estrutura, como decorreu e apresento alguns exemplos dos trabalhos elaborados pelos alunos durante as diversas fases.

Na conclusão comento os resultados finais apresentados e falo também sobre a forma como este trabalho contribuiu para o melhor relacionamento dos alunos com a fotografia e como os ajudou a compreender/ descobrir/ construir uma imagem significativa.

Desenvolvimento

Cada vez mais a fotografia faz parte das nossas vidas. Facilmente temos acesso a um dispositivo que fixa imagens e que as reproduz a qualquer momento e em qualquer lugar. Longe vão os tempos em que esta forma de representação/ expressão era uma arte distante, envolta de grandes mistérios, cuja realização poderia ser bastante dispendiosa e exclusiva. Na minha opinião, vencemos uma barreira mecânica e tecnológica, conseguindo globalizar a sua utilização. Contudo, a forma como o fazemos está a tornar-se cada vez mais mecânica, pouco pensada e muitas vezes descuidada.

Ao longo dos anos tenho reparado que a introdução do suporte digital na produção fotográfica tem levado à generalização da criação “acidental”. Encontro inicialmente alunos que vão para o “campo” desenvolver temas concretos, sem terem sequer pensado naquilo que vão à procura, acreditando na capacidade do cartão de memória, na qualidade da máquina e na sorte de encontrarem algo de interessante durante e depois de terem fotografado. Tal como afirma Cartier-Bresson, “Thinking should be done before and after, not during photographing” (Henri Cartier-Bresson, 1958), acredito que fotografar é pensar, sentir e isso exige que guardemos tempo para tal durante o processo de criação, não reservando o tempo somente para o momento do “clik”.

Nesse ano letivo a grande maioria dos meus alunos, enquadrava-se dentro desta realidade, faziam fotografia de uma forma “acidental”, mesmo quando as imagens em causa tinham temáticas específicas. Apesar de mostrar exemplos de fotógrafos de renome e falando um pouco sobre o processo que estava por detrás da criação de determinadas imagens, a forma como estes alunos olhavam para a produção de imagens era a mesma. Cheguei à conclusão, que os trabalhos elaborados em campo até então eram processados talvez de uma forma que os levava a essa falta de planeamento e de curiosidade. Os alunos, geralmente, recebiam durante algumas aulas os conteúdos sobre uma determinada matéria, faziam as suas anotações e no final, recebiam o enunciado com o guião do trabalho que, geralmente, era um texto onde solicitava a criação de

uma imagem que fosse de encontro a um tema. Com esse enunciado na mão e munidos com uma máquina digital em punho seguiam porta fora em busca das suas imagens. Vinham geralmente para dentro da sala quando o cartão ficava cheio ou quando “acidentalmente” encontravam algo que se enquadrasse no que lhes era pedido. Afirmo “acidentalmente” pois olhando para as imagens e colocando-os a falar sobre elas, geralmente o discurso resumia-se a “...ora eu vi isto e...acho que vai de encontro ao assunto, peguei na máquina... e desapareci. Acho que está bem”. Não quero com estas afirmações estar a caricaturar a forma de expressão dos meus alunos, mas sim demonstrar que para eles as coisas aconteciam quase sempre desprovidas de significado, sem qualquer argumento sobre a forma, sobre a composição, sobre o conteúdo. As imagens eram a expressão de algo que acontecia por ocasionalidade e feitas pela máquina. Com isto não quero defender que a ocasionalidade não possa fazer parte da criação de uma imagem fotográfica, tal como defendia o grande mestre Cartier Bresson que dizia “Photography is, for me, a spontaneous impulse coming from an ever attentive eye which captures the moment and its eternity” (Henri Cartier-Bresson). Porém os grandes mestre estão providos mentalmente de uma grande cultura visual, algo que os auxilia na percepção dos acontecimentos, na clara leitura e rápida interpretação do que os rodeia, e à qual recorrem frequentemente de forma inconsciente.

A máquina fotográfica era encarada frequentemente pelos alunos como a garantia para uma boa ou má fotografia, e essa ideia afastava-os de a encararem como é um mero instrumento. Uma imagem, a meu ver, nasce dentro de nós, a máquina serve exclusivamente para materializar essa ideia, e recorrendo novamente a C.Bresson, “It is an illusion that photos are made with the camera... they are made with the eye, heart and head” (Henri Cartier-Bresson).

Foi após estas reflexões, que decidi mudar de estratégia mas mantendo a mesma ideia, de os alertar para a importância que o pensamento/ planificação podem/devem ter para a realização de uma imagem fotográfica. Pensei em elaborar um exercício que em simultâneo apelasse ao gosto individual de cada um, e que fosse ao encontro dos conteúdos lecionados até então. Contudo, já tinha uma premissa em cima da mesa, os alunos só poderiam contactar com a máquina e restante material fotográfico numa fase intermédia do trabalho. Este trabalho teria de os levar a pensar “sem máquina”, a planificar aquilo que pretendiam realizar, antevendo ao máximo todas as condicionantes que estariam na origem das suas imagens.

Desta forma, lembrei-me da célebre frase do arquiteto Álvaro Siza, que diz “uma folha em branco é um grande desafio” e tentei aplicar esse “desafio” ao

meu trabalho. Teria então como fase inicial uma página em branco, onde todos os alunos ou através da escrita, ou através do desenho,... pensariam a sua imagem, anotariam todos os pensamentos e inquietações sobre o tema, eventuais formas, questões técnicas e vontades ligadas à sua concretização. Pensei logo que este exercício talvez lhes fosse causar algum desconforto, mas a meu ver, isso seria salutar, pois assim, eles conseguiriam compreender que é pela procura e pelo pensamento, que as ideias aparecem, amadurecem, e sem a máquina estavam sem a sua confortável “muleta” que a meu ver os levava a saltar esta fase tão importante do processo.

Seguidamente pensei no tema a fotografar, lembrando-me que a escola era um lugar interessante, à qual todos tinham acesso, repleto de elementos naturais, cheia de espaços diversificados, que todos conheciam bem e onde passavam muito tempo, onde teciam relações e, para além do mais, cujo estado de conservação era um assunto que estava constantemente em discussão entre os alunos e os docentes, um tema que os incomodava e que, a meu ver, era algo que lhes interessava. A escola é o espaço onde desenrolavam episódios das suas vidas, logo repleto de sentimentos, de vivências, cheio de significados pessoais, coisas que os podiam ajudar na procura das suas comunicações visuais.

Com este tema acreditei que estava a mobilizar os interesses pessoais dos alunos, a sua cultura, e com isto procurei motivações que podiam ajudar a enriquecer o trabalho, pois facilmente ao olharem ao seu redor, eram capazes de tecer ideias e comentários com significado e acompanhadas de argumentos. Com isto procurei aliar a este trabalho o património e o processo de produção cultural dos alunos sobre a escola, algo pessoal, que depende muito da forma como cada um olha para o local que o rodeia e como o interpreta, tal como afirma Stuart Hall:

Culture, it is argued, is not so much a set of things- novels and paintings or TV programmes or comics- as a process, a set of practices. Primarily, culture is concerned with the production and exchange of meanings — the “giving and taking of meaning”- between the members of a society or group...Thus culture depends on its participants interpreting meaningfully what is around them, and “making sense” of the world, in broadly similar way (Hall, 1997)

Também pretendia questionar os conhecimentos lecionados e, quem sabe, antecipar outros ainda por abordar, caso algum aluno apresentasse dificuldades técnicas em encontrar a forma de materializar aquilo que tivesse em mente e necessitasse de recorrer a outra técnica não estudada até então.

Assim surgiu “uma página em branco”, um trabalho cujo tema central era a escola, e que estava dividido segundo três momentos.

No primeiro momento, a página em branco, local e matéria reservada para o ensaio inicial de todas as ideias, motivações, intensões, preocupações e questões técnicas (enquadramento, f/, sensibilidade, cor...) sobre a imagem que pretendam materializar.

No segundo momento, a análise aos dados registados na folha, onde os alunos saltam novamente para o terreno, agora com a máquina e restante material para materializar a imagem segundo aquilo que planificaram e, nesse momento, confrontam-se com os seus conhecimentos técnicos e compositivos, anotando todas as dificuldades e alterações técnicas ou compositivas que fizeram, ou não, no plano inicial para a execução da imagem pretendida. Nesta fase a máquina passa a ser assumidamente encarada como uma ferramenta, pois todo o conteúdo a fotografar não depende dela, já tinha sido previamente estudado na folha de papel.

Por fim, no terceiro momento, o de síntese, onde através de uma breve memória descritiva, relatam os aspetos mais relevantes de todo o processo criativo e evolutivo que esteve na origem da imagem produzida, e onde apresentam as suas imagens à turma, explicando as ideias e processos que estiveram na sua génese.

Após ter falado sobre o que esteve por trás da origem deste trabalho e de que forma é que este foi pensado e estruturado, assim como a razão de ser para a criação de cada uma das fases do seu processo, passo a apresentar alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos que vão servir para exemplificar os objetivos do mesmo.

Na Figura 1 temos o resumo de duas das fases que estiveram na origem da imagem presente na Figura 2. O aluno na primeira fase recorreu ao seu caderno e fez um desenho de umas escadas. Já no desenho começava a procurar o enquadramento que pretendia para a sua imagem. Juntamente com o desenho anotou algumas ideias sobre como é que poderia proceder à captura da sua imagem, lançando valores sobre distância focal, sensibilidade, a hora do dia que pretendia para capturar a luz que mais lhe agradava e também os argumentos que estiveram na origem de tudo isto. Neste caso em particular o aluno gostava de colocar dois elementos na imagem através de fotomontagem, uma técnica que ainda não tinha sido lecionada nas aulas mas que teve de ser antecipada para que o trabalho fosse concluído. O seu trabalho, à semelhança do que aconteceu com os restantes colegas foi um testemunho pessoal de vivências e de emoções sobre o espaço da escola.

No caso que apresento seguidamente (Figura 3) a aluna procurou alertar os colegas para o lixo que frequentemente se encontrava no chão, algo que a indignava pois a escola estava munida de dezenas de caixotes do lixo espalhados por

- Lente: Grande angular
- ISO: 150
- Abertura: f5
- Hora: Meio da tarde
- Tripé: Sim

Centro da imagem: Entra a rachada na parede e o ferro do corrimão.

Limite esquerdo: Um pouco da árvore

Limite direito: Pilar da cobertura

Limite superior: Calçada

Limite inferior: Pedra na relva



Enquanto tirava a fotografia apercebi-me que apesar quase tudo que planeei estar bem, a hora que escolhi não era a mais indicada para o que eu tinha em mente, pois devido ao sol, as cores ficaram demasiado avermelhadas.

Eu escolhi este local porque desde sempre passei lá bons momentos, é o local onde me encontrava com os meus colegas, é o local onde também gosto de estar sozinho.

Estas escadas além das recordações, são o acesso para a "bancada" do ginásio, o sítio onde se janta toda a gente para ver os jogos entre alunos, é também dos poucos sítios onde tenho mesmo vontade de ter aulas.

Apesar de serem umas simples escadas, são um sítio muito especial.

A ideia de apanhar um pouco de relva e da árvore, é por eu gostar bastante da natureza e achar que simplesmente aquele pouco dá logo outra vida à fotografia.

Apesar de tirar a foto ser uma coisa especial, para mim o que me deu mais gosto foi editá-la, acho piada como se pode modificar tanto uma coisa sem grandes complicações mas ainda há muita coisa que tenho de aprender.



Figura 1 · Síntese do percurso feito por um aluno para a produção da sua imagem. Fonte: própria.

Figura 2 · Imagem final apresentada pelo aluno. Fonte: própria.

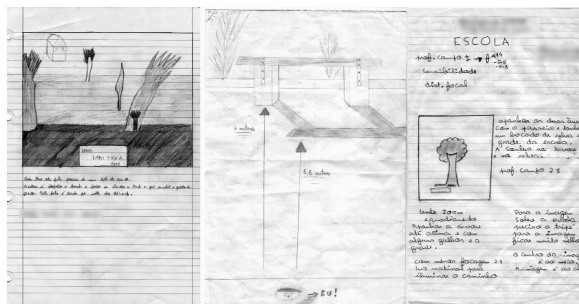
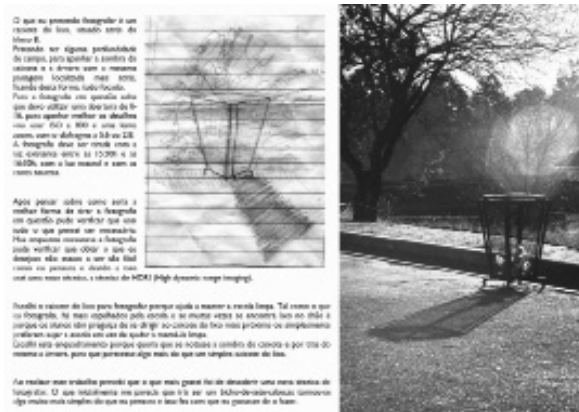


Figura 3 · Síntese do percurso feito por uma aluna para a produção da sua imagem. Fonte: própria.
Figura 4 · Síntese do percurso feito por vários alunos na primeira fase do trabalho. Fonte: própria.
Figura 5 · Vários resultados finais, de vários alunos, na última fase do trabalho. Fonte: própria.

diversos locais da escola. Esta aluna, na primeira fase do trabalho, apresentou o desenho de um caixote do lixo e veio ter comigo pois não sabia como era possível executar uma imagem que estivesse focada desde o primeiro até ao último plano e onde todos os detalhes de sombra fossem perceptíveis e cujo motivo principal se encontrava em contra luz. Neste caso em particular, para a execução da sua imagem toda a turma foi mobilizada para compreender de que forma é que se conseguiria essa execução. Para além de todas as questões técnicas a que a aluna referiu no seu estudo inicial, ela necessitou de aprender a realizar um HDR e a utilizar um refletor para ajudar a minimizar o efeito do contraluz.

Todos os alunos elaboraram estudos prévios ou através de desenho, ou de esquemas ou, simplesmente texto, tal como apresentado na Figura 4. Em todos os casos, esses estudos levantaram problemas relacionados com enquadramento, iluminação e integravam, para além das questões técnicas, as suas problemáticas e pensamentos individuais sobre o lugar que lhes era tão familiar. Alguns procuraram valorizar a relação com a natureza, outros o espaço para o encontro com os amigos, ou seja, todos deram muito de si ao seu trabalho, tornando-o pessoal. Os resultados (figura5) foram como podemos ver diversos, ricos em conteúdos e fruto de muito trabalho e de diversas alterações ao longo do seu processo.

Conclusão

Com este trabalho consegui motivar os alunos para a disciplina, despertar neles o interesse pela produção fotográfica e consciencializa-los para a importância que o pensamento e o projeto podem ter nesta área das artes visuais. A metodologia seguida penso ter auxiliado na prossecução desses objetivos. Ao dar espaço às suas motivações, inquietações, ao requisitar as suas culturas individuais eles acabaram por conseguir chegar mais rapidamente a uma ideia, ao seu contributo. O facto de ter resguardado a utilização da máquina fotográfica somente para uma fase posterior ao pensar a imagem fez com que eles compreendessem o que até então estava constantemente a falar. Quando se viram confrontados novamente com a máquina acabaram por perceber as questões técnicas que tinham pensado, se estas estavam bem ou mal previstas e se eram ou não pertinentes para o resultado final pretendido. O facto de ter separado o trabalho por diversas etapas, ajudou a que estas proporcionassem momentos para constantes descobertas e confrontos. Através desses avanços e recuos os alunos foram problematizando e questionando os conteúdos abordados até então, e também, em alguns casos, chamar para dentro do seu trabalho novos temas ainda não lecionados. O testemunho final de cada aluno resultou em imagens com as quais

eles se identificavam e sobre as quais eram capazes de falar, tecer argumentos com significados individuais.

Com uma "página em branco" acredito ter mudado a relação dos alunos com a fotografia. Passou a ser algo mais maturado, menos seco de significado, mais pensado, em que a técnica serve para auxiliar a expressão, passando a olhar para esta arte não somente para a sua forma mais consumista em que se tem tornado, mas sim como capaz de criar imagens significantes.

Referências

Bresson, Henri Cartier (1999) *The Mind's Eye*,
New York: Aperture. ISBN: 978-0-89381-
875-3
Rose, Gillian (2012) *Visual Methodologies, An
Introduction to the Interpretation of Visual*

Material., London: SAGE Publications Lda.
ISBN: 978-0-85702-887-7
Stepan, Peter (2008) *Visual 50 Photographers
you should Know*, Munich: Prestel
Publishing Lda. ISBN: 978-0-7913-4018-0